Copyright © 2007 by Plauto Araújo

A658C
Araújo, José Plauto

O Caminho do Peregrinar/ Plauto Araújo

Editora Visões do Ulai. 2007

I. Poesia
58p. CDU800

José Plauto Araújo
Rua Padre Odécio, 475.
Bela Cruz - Ceará
Cep: 62570-000

E-mail: plauto_0406@hotmail.com

Tu, cujas pegadas;
Transformam-se em caminho,
Me farás ver,
O caminho da vida.

O
Caminho
Do
Peregrinar

Visões Do Ulai

2007

4ª Edição
JOSÉ PLAUTO ARAÚJO

SUMÁRIO

Sumário
Agradecimento
Guisa de apresentação
Criação
Preposição
Prefácio
Dedicatória
Legado
Invocação
Cemitério
Tédio
Jogo desigual
Desviado
Trabalho
Sobrevivência
Ocaso da vida
Vida de peão
Empregado
Bicho-homem
Inquietude
Cagamento
Frustrado
Velhice
Luta interior
Vida proibida
Desapontado
Dor calada
Luta de tolo
Ninho ameaçado
Nuvens da vida
Morte
Mosteiro
Os mortais
O velho
Perdidos
Gente
Ilusões
Ideais
Medo
Espíritos
Vaguear
Metamorfose
Ressurreto
O além
Eternidade
Arrebatamento
Raboni
Noivo celeste
Vida eterna
Obras do autor
Biografia

Plauto,

Li o seu poema:
Belos pensamentos,
Importantes temas,
De grãos sentimentos.

O caminho do peregrinar,
Coletânea de assuntos sérios,
Que nos leva, ao ermo, meditar,
Na vida de tantos mistérios.

Siga pesquisando,
Jóias valiosas,
Sempre burilando,
Pedras preciosas.

O presente dado
Retenho ao meu lado
De coração grado
Meu muito obrigado.

Mons. Odécio Loiola Sampaio

A guisa de Apresentação

Foi com muita alegria que recebi das mãos do próprio autor este pequeno, mas valioso livro, com o expresso e humilde pedido de fazer uma apreciação a respeito do seu conteúdo.Sabendo de minha incapacidade para tal empreendimento, aceitei-o com o único intuito de me deliciar na leitura reflexiva dos seus sábios versos, que me proporcionaram uma viagem ao interior do ser humano, àquilo que ele tem de mais profundo, que é a dimensão espiritual.Terminada sua leitura, mais motivado pela riqueza do livro do que pela habilidade pessoal no assunto, resolvi tentar atender ao pedido do amigo.

Escrito na linguagem poética, só veio a confirmar o que dizem os maiores especialistas: "*a poesia é a arte de excitar a alma com uma visão do mundo através das melhores palavras em sua melhor ordem".*

No *Caminho de peregrinar***,** o autor se serve da nobre arte da poesia para expressar, religioso que é, a experiência do *exitus-reditus* humano, isto é, a origem e a finalidade divinas de todas as criaturas, destacando, sobretudo a dimensão trágica que marca este percurso. A tragicidade, vale dizer, deve-se à nossa condição limitada e pecadora e não ao percurso em si mesmo, que é dom e graça de Deus.

Trata-se de um livro de grande valor porque manifesta a aventura do ser humano na busca da compreensão e realização do projeto do seu criador.

Pe. Agnaldo T. Silveira

Sobre tudo que se deve guardar
Guarda o teu coração
Porque dele
Procedem as saídas da vida.

PREPOSIÇÃO

Quando me propus a escrever este simples poema, minha única intenção foi despertar meus leitores, para a realidade que a vida nos oferece, bem conhecemos as fantasias do nosso coração, suas fases, suas tendências ao transcendental. Isto por causa do vazio e das ansiedades da alma. Vivemos em um mundo ilusório, onde viver o real com sobriedade requer lucidez, e nossa gente parece insistir por uma vida fictícia.

A situação do mundo atual é caótica e brutal, abusam dos sentimentos alheios, do sexo e da própria vida.

Que Deus em seu amor infinito nos ilumine para uma vida em seus sábios conselhos.

Plauto Araújo.

PREFÁCIO

Nosso escritor, certamente é alguém de uma visão muito aguda, quando nos fala sobre a vida. É um verdadeiro filósofo, um erudito.

Além de sua linguagem transparente, Ele é direto não faz arrodeios.

Plauto Araújo é alguém muito simples, e até muito engraçado, mas, nos traz um assunto seriíssimo como este apresentado nesta riquíssima obra: "O Caminho do Peregrinar".

Creio que todos quanto tiverem o privilégio de lerem este belíssimo poema que foi escrito em poucas letras, mas de um grande conteúdo, não vão esquecer tão fácil as verdades expressas.

Nosso autor mostra-nos como devemos ser sábios em nossa maneira de vivermos, como devemos considerar os dias que aqui passamos.

O Caminho Do Peregrinar é mais que um simples poema é um fato de nosso dia a dia.

Crendo nas realidades escritas, é que aconselho sua preciosa mensagem, e sei que certamente levará o leitor a meditar e considerar o que foi determinado pelo Autor da vida.

Sinto-me honrado ao apresentar este poema, esta belíssima obra de meu colega literato.Plauto Araújo.

FRANK DALTO

DEDICATÓRIA

Aos meus:
Queridos e mui amados mestres que tiveram a paciência para me instruírem com amor e dedicação.
Meus queridos pais, que não mediram esforços para me fazerem entender o valor da escola.
Ao meu querido Pastor, amigo e companheiro de luta na fé e defesa do Evangelho.
E, sobretudo a Jesus Cristo que morreu por mim.

O CAMINHO DO PEREGRINAR

Plauto Araújo

.

LEGADO

Pondera na vereda
De teus pés.
E todos teus caminhos
Sejam bem ordenados.

Por que decorridos
Alguns anos,
Eu seguirei o caminho
Por onde não tornarei.

A vida que aqui tens, é breve.
Tua glória é como, um conto ligeiro.
Tua fase bela é um instante.
Mesmo assim, o melhor dos teus dias...
São proibidos; teus prazeres, teus gozares.
Tuas satisfações são vedadas.
Não podes desfrutar, teus amores.
O melhor das tuas fantasias...
São sufocadas, por tua vergonha.
Os que te amam, te são privados.
O que é a vida? Um sonho, um engano?
O que fascina os meus olhos, é teu belo.
Mas até quando ele dura?
De repente muchas, tua beleza se vai.
Teu sorriso cessa, tua graça acaba.
O só refletir nisso, enfadou-me a alma.
Resta pouco tempo, é como um pensamento.
A gente querendo viver, se vai.
O vigor do corpo desaba.
Só vai restar, lamentos...
Porque não vivi, os bons momentos...?
Pelo que vi, o melhor da vida.
É a espera, e que espera.
Espera-se uma liberdade,
Um alguém que, chegará, e a mais desejada.
A tal felicidade, que nunca vem,
Como se espera
Mas por que esperar?
Se nos resta pouco tempo.

Nos meus ossos estou
E nos meus sentidos,
Percebo teu sono,
Teu silêncio, teu inerte existir.
Sobre teus ossos me derramo
Um dia, a ti me juntarei.
Se o viver em ti existir, viverei.
Não entendo, teu comportamento.
É inerte, calado, parado...
Tua capa se foi, teu mover...
Tua voz não existe.
Mas, percebo tua mensagem.

Inquietas e fadigas
Enojas a quem te sentes.
Se pegas, não há quem se livre.
Tu és atormentador, tu és um tirano.
Em tuas amarras prendes
Mesmo assim, não haverá socorro.
Que gemas, que chores...
Terás de curtir sozinho tua dor.
A covardia domina, quando és possuído.
Escondes, finges não Ter.
Mesmo assim, não mudas teu quadro.
Está na veia, no sangue.
Em cada glóbulo e célula,
A tudo domina.

Enquanto viveres
Suportarás teu jugo
Em lágrimas, ânsia e dor.
Frutos de tuas decisões.
Apressaste teu coração,
Escolheste mal, tua companhia.
Como fogo e água.
Como tudo e nada.
O oriente do ocidente.
Nunca te libertarás, nunca.
Sofra consciente, não te deixes.
Viva tua dor e teu amargor
Farte-se de tua ignomínia
Em meio a teu penar
O único consolo,
É que vais morrer.

Perdeste teu porte
Foste jogado
Do teu cargo humilhado.
Estás, em desonra.
Perdeste teu crédito
Foste excluído.
De todas, tuas ocupações,
Te achas despido.
Lamentas teu tempo
Quando no princípio
Foste escolhido.
Buscas a graça
Derramas teu pranto
Diante à face
Do céu se acanhas
Tenta refazer-se
Tua força te falta.
Mergulhas em angústias
Em dores da alma.

Quando parei
... E sondei
O caminho do peregrinar
Aborreci esta vida,
Pois era penosa
Todos os seus dias
São dores
E suas ocupações...
São desgostos.
Até no descanso,
Há fadigas.
Todo o trabalho...
Em que se entrete,
É uma forma
De nos afligir...

Segui de perto a luta
Que dia a dia era travada
Energias eram gastas
Numa tentativa, dum ideal.
Que em nada, satisfez.
Observei o suor, que descia.
Das frontes, dos lutadores.
Apareciam-me gemendo
Do peso, de suas servidões.
De nervos esticados
Na carne, o nó.
Na luta travada, à força.
Tudo por nada
Um só deleite, não existia.
Nada, nada, eu vi.
Mesmo assim, ninguém parou.
Nem meditou, seu fim.
São criaturas, meras criaturas.
Objetos, peças que se gastam.
A todos, o tempo há de vencer.

Vejam como se inquietam
Não descansam... Não há trégua
Querem manter o papel
Ninguém sai de cena
Estão detidos... No palco da vida
Numa luta renhida
Todos competem... Querem vencer
Vitória de que?
Se por mais que se vê
Esta vida lhes há de trair
Fugindo por entre os dedos
No córrego... Se leva
Deslizam as pedras
De tua firmeza
E és arrastado
No fim de teus anos
Tudo se torna em agonias
Pouco ou muito, nada retém.
Nenhum apenas, destes teus dias.

Descamba no horizonte
Um sol cansado e pálido
Tingindo todo o céu róseo
Despede um dia que nunca voltará
Pássaros em vôos cansados
Buscam refúgios na negra noite.
Minh'alma vagueia por entre os linhos
Ouço o cantar do vento
Soprando nos galhos dos ciprestes
Um zuar murmurante nos espaços
Como voz agourenta de carolas
Cessam as batidas dos martelos
Exaustos tombam os obreiros
Páram os esforços
Foge a luz, dando lugar às trevas.
A velha tarde vencida se entrega
Em sentimentos melancólicos
Ficam marcas, feridas trazidas do tempo.
Pelas correntezas das caladas horas
O vazio, todavia, presente está.
Torturados, são galhos secos.
E jogados pelo chão
Ceifadas são folhas
Que insistem em ficar nas árvores.
Assim, quais nossas vidas arrebatadas.
Enrugam-me junto aos olhos
Buscando ver meu destino.

Ouça os gritos, o choro.
Falta-lhes pão, a fome tortura.
Pobres e dependentes criaturas
Querem alimento, de mãos mirradas.
Estendem aos seus pais longos brados.
De ouvidos surdos mostram seus senhores.
Não querem ouvir...
A justa causa de seus empregados
De sorriso nos lábios, pálido e fingido.
Sorri também o pobre, pensando ter sido ouvido.
Mas logo esvazia ao voltar para casa naquele dia
Sem pão para os filhos
Não pode haver alegria
A mãe inconformada e de alma aflita
Olha a bolsa do marido e não acha nada
Sem saber o que fará à criançada
E de voz triste e tons despachantes diz:
Durma meu filho, amanhã você lancha.
Assim nada come e abre o moleque a boca de fome.
No dia seguinte é o mesmo
Volta para o trabalho o pai em jejum.
De rosto magro e desfigurado.
Seu patrão vem saciado.
E não sente a fome de seu empregado.
Passam dias e não há melhora
O choro continua e a criança faminta e nua
Crescendo na rua, ao crime e ao roubo insinua.
Detestando o trabalho honesto do pai.
E diz a si mesmo; que proveito teve meu pai?
E revoltado ao mundo do crime sai.

Quando esperei meu momento de agir
Meu tempo havia acabado
Passei meus dias esperando
Algo que não pude realizar
Foram planos e sonhos
E esta foi a razão
De nunca eu ter vivido
Gastei o tempo de minhas realizações
Realizando objetivos não meus
Passei minhas peregrinações
Nos caminhos dos outros
Poucas e cansadas
Foram horas que me sobraram.
Era um objeto alugado
E nunca havia percebido
Que por um mísero salário
Havia me vendido.
Vivi debaixo de um jugo
Pensando ser um cidadão livre
E sabes por quê?
Porque trabalhava, era empregado.
Vendi o tempo que eu devia ter vivido
Gastei minhas forças
No serviço dos outros
E é por isso que continuo
Com sonhos e planos
Não realizados.

Exalando o coração seus amores
Movido pela beleza,
Que aos olhos chegam
Caminhas pelos traços da fêmea musa
Teus desejos másculos se despertam
Levando teu ser aos sonhos sensuais
Poderia tu satisfazer teus sonhos?
Termina o vigor de teus anos
Esperando tuas satisfações concretizar
É o lema da espera, do apenas querer.
Por que não se conformar?
Em vão gastas teus dias em projetos.
Será que só o homem é o único ser insaciável?
Que leva a vida no desejo,
Que passa seus dias na cobiça.
Animal queixoso este de duas patas.
Que envelhece somente a capa.
Que morre na carga de seus impulsos.
Que espera sua hora de ação.
Mas sempre acaba vencido,
Por suas desilusões.
Máquina que fabrica seu próprio veneno.
Que busca entorpecer a si mesmo.
Gastando seus dias em planos,
Na peleja do nada, tornando-se objeto.
Tudo isso, vi naquele animal teimoso.
Que dizia, haver de vencer.

Sedento foi teu viver
Numa busca incapaz de achar
Algo que ainda procuras
Que não compreendes
Mesmo assim, sem desistir continuas.
Pois o vazio te obrigas andar.
Nas andanças, apalpas ás escuras.
Como um cego caminhas cauteloso.
Enquanto temores te cercam e andas em círculo
Perdes o tino, tuas estruturas.
Buscas ajuda e clamas no peito.
Ouves apenas teu eco mudo.
Solidão te assalta, perdes a calma.
Tentas fugir, mas não sabes para aonde.
Ficas inquieto escutas confuso,
A ânsia da alma.
Em meio às trevas,
Perdes teu rumo.
Na vida andaste,
Qual vagabundo.

Foste preso
Ainda em tua mocidade
Do amor foste privado
Sustentas calado
A ingrata pessoa
Que arranhaste teu brilho
Te negaste o afeto
Com ira te metes
Prendendo-te em grilhos.
Teu sentimento esmorece
A dor que sufoca... A musa
Do afeto esqueces
Olhas ao redor
Teu olhar cupido
Ver teus grilhões
De amor te achas... Vencido
Liberdade ferida da ágape paixão
Não sabes teu tempo
Curtes em silêncio
Amargas lembranças
A tudo o espanta
Brota a verdura
De tua inocência
Vejas... Se há esperanças.

Tua caminhada trôpega
Em tua lida vacilante
Usas um pseudônimo
Para não encarar a ti mesmo
Quando falas, quando escreves
Usas uma linguagem obscura
Para confundir o raciocínio
Não vives a ti mesmo
És hipócrita... Tens dupla personalidade
Um ator de papel falso
Mostras o que desejas ser
E és o que não anseias
Querendo impressionar a outrem
Quando não consegues a si mesmo
Esperas os acontecimentos
Buscas uma oportunidade
Aguardas em silêncio teu tempo
Se vê um derrotado inútil
E não sabes da luta ferrenha
De não seres o que és.
Enquanto isso,
Odeias a ti mesmo.

Olhando adiante de ti
O futuro escurece tua firmeza
Não sabes tu o que te aguardas
Estremece em tuas bases o vigor
Tentas fugir da realidade
Mudas o assunto, escondes teu medo.
Temes as manobras do tempo
Enrugas as vestes, tua luz diminui.
Teus reflexos adormecem aos perigos.
Teus nervos, endurecidos se recusam agir.
Perdem a consistência: os prazeres ocultos...
Tudo se relaxa, perdes teus governos.
Teu som desce, teus murmúrios.
A beleza de ti se afasta
Lamentas teu tempo, teus amores...
Teu óleo faltou.
Adormecida ficou, tua fonte.
Foi-se teu manancial de gozo.

.

Ouças teus gemidos
Tuas dores, teus apertos...
Vês o quanto tens do nada,
Do que te vens.
Do íntimo recebes o recado.
Escutas teu grito mudo,
Que geme a dor sufocada.
Do teu coração, escutas os soluços.
Dás vazão, a essas vozes mudas.
Dos gritos loucos dos teus anseios,
Não vedas o tímpano.
Ouças as falas do teu ser,
Os apelos desesperados, que ecoam.
Tua alma chora, tua força se nega.
Num recomeçar, o homem é seis,
Pois de quatro em quatro horas,
Tudo em ti morre.

A vida, que nunca pude viver,
Sempre fui impedido dela gozar.
Quando esperneava o berço,
Em gritos, querendo dali sair,
Ali, mantiveram-me preso.
Quando andei, fecharam-me as portas.
Quando desejei amar;
Não pude.
Quando podia gozar,
Vedaram-me, este prazer.
Todos os dias, eu era afligido.
Um escravo, um dominado.
A vida, que me negaram viver,
Passei seus dias desejando,
Esperando o que nunca me aconteceu.
Iludiu-me a espera,
Espera, que me levou a trabalhar.
Não porque gosto, mas, pela remuneração,
Que, nunca comprou o que eu queria.
Antes, me privou das horas que desejava.
Levou-me ao cansaço, às fadigas,
Que apartaram de mim
As satisfações,
Que nunca por mim foram vividas.

Andas como o vento
Invisíveis são teus liames
Mas és escravo
Suspiras... Em teu pesar
Aguardas... Teu libertar
Sonhas... A utopia
Do ser... O vexame
Teus anos se acabam
Levam... Tua força
Não mais estrebuchas
Perdes... Teus ânimos
E desces, calado
A tua eterna morada.

.

O que escondes
Não escondes de ti
O que finges
Não finges para ti
O sofrer... Vem e te assalta
Se no teu íntimo há luto
Na hipocrisia de teu rosto
Uma imagem... É falsa
Se puderes despir-se
Faze-o agora
Se não fizeres
Carregarás a culpa
De tua covardia
Mas, não esqueças.
Que um dia vem
Em meio à multidão
Que de tuas capas
Te despirão.

Quando parei... E sondei
O caminho do peregrinar
Aborreci esta vida, pois era penosa.
Todos os seus dias são dores
E suas ocupações... São desgostos
Até no descanso... Há fadigas
Todo o trabalho... Em que se entrete
É uma forma de nos afligir
Louvo os mortos...
Por estarem livres desta ilusão
Os que não nasceram... São mais felizes
Pois ninguém sabe
O que é bom nesta vida
Pois todos os dias são gastos
Como sombra
Em vão se inquieta
Em vão se trabalha
Para o nada se luta
Pois um dia; seremos vencidos.
Como um, um que perde a guerra.
Seremos despojados de tudo
E seremos lançados, derrotados no buraco.
E ali se vê...
Que nossas lutas foram vãs.

Desde que chegaste respirei
Me teceste cada fibra
Me coalhaste num odre
Me fizeste pulsar
Me deste rios vermelhos
Que corriam sem parar
Num latejar contínuo
Num fole, autêntico borrifar.
Num gesto lindo, a compor.
Me fez sentir... Ver... Existir.
Ouvi e no silêncio aguardei
O momento exato,
De aqui passar... Passarei.
Não sei por que me fizeste assim.
O importante é saber,
Que me fizeste existir
E em Ti existirei.

Observei teu labor árduo
Tua luta no arrumar
Teu vai e vem de fiapos e lãs
Do fiar... O requebrar constante
Do teu ciscar... O coice em círculo
No enrolar do fio, o capim.
Teu olhar vigilante e assustado.
Tua pressa, desconfiada arrumação.
No disfarce... do teu cântico
Numa melodia pálida... Ligeira
Teu olhar me descobriu
Temeram teus planos... Desistir
Mas, em meio a teu dançar
No teu trabalho a suar
Nada te fez parar
Teu tempo era chegado
Do botar...
O cio.

Vejo-as passando, como manadas.
Escorrem ligeiras, sem deixar rastros.
Num silêncio, e... Linguagem muda
Me formando histórias... E trazendo ao lume
O esplendor da despedida
Na gota que me escorre
Desce buscando o leito
Rio amargo... Do peito
Teus caminhos trilhados, que não posso seguir.
Tua pressa... Numa ida sem volta.
Do fictício... Memória do ar.
Se desfazendo em imagens nuas
Sisudas e caladas...
Deixando pasma, a rude mente
Ao contemplar teus melancólicos retratos
Que não se pode pintar.
O balbuciar constante, numa linguagem estranha,
Me apaixona... Deixando-me atrás,
Saudade... De algo nada... Do teu tudo
Que sempre faz e se desfaz
Não me deixando seguir-te
Teu destino místico me seduz.
Me levando para fora
Em teu caminho insondável,
Não posso te seguir
Nem tão pouco acompanhar
Fujona, fujona... Passaste por mim
E não pude nem te tocar.

Quem é esta que me ronda?
Ameaçando... Meu ser.
Que me olha pelas brechas
Que me assombra
Deixando-me inquieto
Que me vem chegando
Cruel mensageira
Sinistra e alada criatura
Que me mira
Fazendo-me tremer
Que domina-me a vontade
Que se apossa de mim
Que me despe a vida
Que me lança por terra
Arrancando-me a alma
Que me tira a bravura.
Por que não me deixas passar?
Desvia-te de mim
Tua presença macabra.
Deixa-me de lado.
Vai teu destino
Mísera agente.

Na mudez tédica...
Lá onde a vista pára forçada
Não alcança meu destino,
Dos meus lugares solitários
Onde sou instruído
Na linguagem do silêncio
Na observação apenas
Da erudita fala... Que me rege
Está Aquele que me enche os espaços
Que me discipula... E prepara
Alguém... Como mensageiro
Uma atalaia... Que vigia as nações
Que lhes grita aos ouvidos
Mensagem da Vida... Da Rocha,
Do Manancial do Seixo.
Quem são estes ruídos...
Que me abrem os ouvidos,
Numa voz do tempo?
Velhas paragens de peregrinos,
Que nestas horas, buscam encontrar-se.
Não são vãs...São criaturas.
São sombras da vida,
Pedaços de memórias,
Rasgadas do destino.

Tornei meu olhar e vi
As pegadas do peregrino
Pareciam o amargor da dor
Vi suas queixas e lágrimas
Estremeci diante de tal quadro
Conheci os caminhos dos mortais
Revoltei-me contra tal realidade
Mas... tremeu de terror, meu coração
Senti os cabelos tensos, me arrepiou.
Pelo medo de tal caminhar
Reparei meu alicerce... Tentando disfarçar
Contemplei... O ancião de dias
Que me olhava...
Vendo as leis imutáveis do tempo
Sacudi de ombros... Procurei fugir
Mas, me vi como um passageiro
Do mesmo comboio, do triste fim.
Faltaram-me as forças... Para aceitar
O que também era a minha taça
Que eu tinha de sorver... Calado.

Fecharam-se os caminhos... No mundo.
Da terra foste ceifado... Do prazer.
Os componentes se acanham
Pasma no íntimo... O desejo.
Consultaste o travesseiro
As setas dizem “stop”
Freiam os passos,
Juntos aos abismos
Buscas na mente um Redentor
Páras no tempo
Examinas o caminho
Olhas pra cima
Do fundo do poço,
Ergues as mãos
Num desespero de causa
Cansaste tua alma
Buscando entender
Os pequenos espaços
Entre as desventuras e desgraças...
Da vida, o sono... Das horas perdidas
Da espera... Dos castigos e punições
Do vaguear sem rumo, das privações...
Da tarefa reprovada
Do tempo vivido
Sobraste quase nada.

Ouve essas vozes
Que emanam do além?
São sinistras... Causam terror.
Quem me grita do além dos abismos?
Pobres criaturas, encarceradas na escuridão.
Destino selado... Eternos gemidos.
Ainda zombas... Escarnecedor?
Não ouves as vozes súplicas
Que ecoam do além?
Não consegues escutar?
São atormentadas vidas, que gemem.
Que são castigadas nas trevas, na solidão.
Sedentas, desejosas... Mas nunca saciadas.
Não te serves de aviso, de alerta...?
Olhas o povo... Que andou no escuro.
Que foram lançados, no calabouço, em grilhões.
Vês... seus olhos pedões, suas mãos erguidas
Querem ajuda, mas quem pode socorrê-las?
Estão no além, são vozes
Clamores dos pedidos
No poço eternal.

Composto de fibras,
Água... Nada há além;
Dos elementos químicos que compõem
Este saco que se move
Que deseja, que se queixa...
Que fede a si mesmo
Que se agacha... Forçado e geme
Que se limpa e disfarça
E ainda pensa que é importante.
Senhor apenas de suas ilusões
Enganos fabricados para se manter.
Que num momento se dissolve, desaparece.
Como derramado e a terra embebe,
O fétido líquido... Da sombra movida.
Que fez plano... Para se fadigar.
Procurou ser visto, aplaudido...
Aceito no meio do outro nada
Onde, não escapou ao juízo secreto;
Do íntimo, senso crítico, onde atuou.
Mesmo assim, pensou ser aceito.
Enquanto fez planos em seu percurso
Debaixo do dedo acusador.
Ainda sorriu, com pálida presença.
Sem graça saiu, sob um olhar rival.
Às vezes, sabe que não agradou,
Outras...Enganado ficou.

Quando a fantasia
De nossas ilusões perdem o vigor
Quando nossa alma não pode mais criar
E nosso ser só vê a realidade
E o materialismo domina o coração
E os sentimentos dos sonhos
Não encontrando mais lugar... Se vão
A vida fica monótona
Os bálsamos... De nossas feridas
Se acabam e ardem nossas chagas
O lamento aparece, trazendo os dias;
Em que sonhávamos, em que tínhamos asas.
Quando nosso mundo colorido se mostrava
Em nosso vôo... Viagem ilusória
Vagando... Quais rios em seus caminhos
Suavizando a alma...Podíamos respirar;
Liberdade... Éramos donos de nossos sonhos
Até que veio a dureza da realidade
Roubou nosso paraíso... E sem percebermos
Fomos violentamente sacudidos... Despertados.
De nossas fantasias... Para não vivermos
E sim sermos objetos manipulados
Pela mídia ou pelo meio onde atuamos.
Portanto, sonha coração enquanto podes.

Pela lutas e fadigas dos operários
Que não tinham sossego
Vi seus olhos reclamarem, a paz no descanso.
Em seus músculos, o férreo esforço.
Por vencerem mais uma jornada
Das muitas que tinham que se seguirem
Nos últimos dias dos passos...
Quando minguarem as forças dos cansados
Lá estarão exaustos operários e patrão
Mesmo assim, observei os carregadores
Gemendo sob o peso das cargas
Todos sob um jugo... Não podiam resistir
Pois em troca do mísero salário, prosseguiam.
Sustentavam seus fardos opressores
Observei seus passos e gestos apressados
Que competiam por uma produção forçada
Pobres e humanas criaturas.. subjugadas
De todos os seres,
São as que mais se lastimam e gemem sobre a terra
Como se não bastassem... A luta da vida
A morte campeia as miseráveis
A doença fustiga a carne e os ossos
Sob o acocho das opressões
Ainda existem as incompreensões de si para si
E as desarmonias dos que com elas convivem
Se não fossem as ilusões dos objetivos
Que animam tais sofredoras
Não sei o que diria.

Nos passos apressados... Se escoam
Como águas fogem... Sem se deterem
De olhos observam... Arregalados
Como perseguidos olham para trás
Algo parece nos seguir e vem
Nos alcançando pelas costas
No escuro, aparece um vulto
A se formar... Um monstro
Há gritos entre as crianças
Clamam ajuda... Temem ser pegas
O coração pulsa mais rápido
Tudo acelera rapidamente
Buscando refúgio... Correm em desespero
O tal ser... Persegue os viventes
Abalando os nervos dos valentes
Está na vida de todos
Algo aterrador... Que se acredita
Mesmo ser, tocado jamais.
Mas... Todos nós convivemos em seu sentir
Algo fabricado pela mente?
Ou existe mesmo esse tal
Que nos assombra... Medo.

Por que me assombras... Me assustas?
Com o teu passar me arrepia a pele
Pressentimento mortal me domina
Me gela o sangue, estremecendo a carne
Me pondo de nervos tensos
Na fumaça do teu abstrato toque
No ar se esconde, deixando-me terror.
Meu dia... Vem chegando
No absinto gosto... Do tragar
De ti, não posso esconder-me
Não posso negar-te onde me encontro
São seres invisíveis que observam
O mover do corpo... Em sentimentos
De medo e pavor... Que aguarda
Esperando o escape... Dos meus temores
Busco a âncora que me sustenta.
Não me arrastes em teus delírios
Pois os ventos que zoam
Têm um sinistro som... Pavoroso
Sinto passando por cima das copas
Movendo os galhos... Derrubando folhas
Vai-te... Vai-te espírito dos espaços.

Dos destinos tomados
Do vazio deixado
Da saudade, da ânsia.
Da partida forçada
Do ficar para trás
Por não poderes ir
O melancólico ser
Calado e de olhar distante
Dominado pelo tédio
A alma sedenta, abafada.
Vida medíocre... Insaciável.
Dor apertada... O entalo.
Aperto no peito... O nó.
Rompem-se as comportas,
Do veneno... Ácido humano.
Não vês teu escuro sentimento?
Tua dureza... Que provém,
De tua dura cerviz.
Humilhante situação, do teu íntimo universo.
O respirar fundo... Teus suspiros.
A marcha de tua cambaleante estrada.
O transcendental... O ilusório fitar.
Rompendo teu fictício percurso, no sideral.
O entorpecente cavalgar... Dos pensamentos.
És o fugitivo alado... Do teu ser.
Memória afogada... Sopros do além.
No palmilhar sem rumo, perdido...
Sem encontrar pousada
Vagueias o místico caminho,
Viagem da solidão...

Os ventos que me sopram
Suavizando meu peito,
É de alguém, que me anima,
Que me toma nas mãos
Cuidando de mim
Que me reveste, a coragem.
Que me tira o pavor
Que me refresca a vontade
Levando-me aos ares
Tornando-me, imortal.
Dando-me, novo alento, um tabernáculo.
Que me enche de gozo
Leis metafísicas do seu amor
Desprendendo-me, da matéria.
Levando-me ao espírito.
Na eterna pessoa.

Trocando de casa
Meu ser se renova
Tomando forma, no incorruptível ser.
Descendo à terra
Desfeita em pó
Jorrando em espírito
Obra divina
Soltando amarras,
Da identidade terrestre.
Qual casulo lacrado
Em fase metamorfósica.
Não vês que sou dois?
Da carnal visão, que me tens,
Que dirás depois?
Quando o tempo parar
Os limites se estinguirem
E tudo estável ficar.

Quem satisfará teus anseios?
Os vácuos do teu ser
Em ânsia... Agonizante ida
Como nuvem que vai sem voltar
Tua recusa de partir te atormenta
Temes o encontro no além
Arrepia-te a crosta periférica
O medo, teu companheiro indesejável.
O aperto de tua angustiada alma
Teu ser desfazendo-se como fumaça
Ante aos olhos do rival observador
Que te aguarda com um golpe fatal
Sinistra sensação por estar sem Deus
És um condenado à escuridão das trevas
Demônios te rondam com correntes.
É chegado teu juízo
Eles te arrastam, te arrancam...
De tua família, de tua casa és tirado.
Viveste em rebelião, contra as supremas leis.
Gritos pavorosos te são gritados do além
São nuvens de seres que vêm te assombrar
Olhas pra cima... Olhas pra cima
O sangue do Cordeiro... Só o sangue
Lavará tua mancha, tuas culpas...
Serás liberto dos temores
E descansarás em paz.
Dorme... Dorme peregrino do tempo.

Há esperança... Além do túmulo
Para quem em vida encontrou a Vida
Quem peregrinando achou o Caminho
Quem em busca da razão achou a Verdade
Quem nas amargas horas clamou ajuda
Do íntimo... Derramou sua dor
Sobre o Consolador dos homens
Encontrou a instrução das letras divinas
Que ajudado pelo autor sagrado
Desvendou os mistérios escritos
Que soube discernir suas fases
Que vigiou seus pés
Que não deu vazão a todos os seus desejos
Mas confiou no eterno Mestre
Seus impulsos, seus estímulos, suas andanças...
Que seguiu o reto trilho
Vestido em verdade, andou...
Calçando a paz das boas novas
Que, da sua espada fez sua defesa
No elmo seu se escondeu.
Que no capacete guardou seus pensamentos
Em paz se deitou, descansando.
Teu dia vem raiando
Tua noite de luta passou
O iluminar da tua vitória
Te vem encontrar
Voa... Voa em liberdade
Voa peregrino ao teu Pai.

Quero ir, não me deixes...
Não suporto ficar.
Há o vazio no íntimo dos que ficam
A ânsia de partir domina o ser
Quero voar contigo, livre ficar...
Vi as faces dos que ficaram
O silêncio de tristeza reinava
No aconchego de tua presença
Esperava eu no estremecer da carne
No pulsar das veias
Todo, aguardando o feliz encontro.
Contemplo em cima, os fios, as mechas...
Que vagueiam sem destino, se escoam...
Vão passando como as sombras
O vôo branco, pálido cisne.
Gaivota esguia em calmas batidas
Suavizante como o soprar da brisa
Vejo as pegadas no ar, dos fugitivos...
A redenção se aproxima
A glória do ser enaltecida
Se aproxima o desejado das nações
Nasce o Sol, sobre os guardiões do templo.
Dos que souberam cuidar do santuário
O alívio nos rostos aparece
O sorriso dos vencedores
Maranata... Maranata... Shalom.
Adonai

Entre os anelos do humano ser
Vi a guerra pela tal satisfação
Que de muitas faces nos vêm
Existe aquela
Oculta dos incrédulos
Amada pelos fiéis
Que aguardam no silêncio
A volta de um sublime ser
O tempo se avizinha
Tremores alardem
A voz da profecia grita
No arrebol se encontram
Mensagens de alerta, ecoam.
Os ares sopram aragens
Do jardim fechado
Venha o vento norte
Ah! Se viesse o meu amado
Agora ao seu jardim
Ó Cândido e Rubicudo
Minh'alma te ama
Venha logo, pois quero partir.
Tenho saudades de casa
Andei na terra sem parar
Pois aqui vim peregrinar.

OBRAS DO AUTOR

Lamentos da Alma
Itarema-Ce 1986

Identificando o Verdadeiro Cristão
Bacabal-Ma 1996

Questionando as Coisas do Espírito
Bacabal-Ma 1996

O Paraíso de José
Bela Cruz-Ce 1997

O Caminho do Peregrinar
Bela Cruz-Ce 1998

Vozes Mélicas
Bela Cruz-Ce 1998

Crônica da Ânsia
(Luta Interior)
Gijoca-Ce 1999

O Animal
Bela Cruz 2007

Visões Célticas
Rio das Aranhas-Ce 2008

Quem é este que eu vejo vestido de branco
Coberto de flocos
Que estrelando brota
O linho qual rosa de paz
Embebido do orvalho celeste
Que nos serve de vestes
Nos afofa o leito da consciência
Na manhã nos aparece
Todo arrumado, cheio de glória.
Qualquer que lhe chega, não padece.
Venha já, oh, Noivo puro.
O dia vem raiando em meus olhos
Estávamos de sentinela toda noite
Aguardávamos teu retorno
Ouve-se o tropel celestial
O relampejar das espadas
Cavaleiros alados
Cruzam os céus como raios
A expectação domina
Plumagens régias, vislumbrantes.
Trazem o cortejo real
Clarins retumbantes, que despertam.
E os céus mostram o sinal.

Levantem as cabeças
Em cima, vejam, vem com as nuvens.
Um exército o acompanha
Vejam o fulgor de seu trajar
Ouçam o canto triunfal
O clangor das trombetas ecoam
Quem vem lá, raiando.
Iluminando o mundo
É de paz sua vinda
Para os que lhe aguardam
Não temais, é de paz.
Vejam, a terra germina.
São os que no pó esperavam a vida
Uma multidão de milhares
Se erguem juntos, aos ares
O dia dos redimidos é chegado
O dia dos obreiros, dos vencedores...
Festeja o céu em gozo.
É chegado o dia dos peregrinos
É o tempo de voltarem Para casa.

APRESENTAÇÃO DA OBRA

O Caminho Do Peregrinar é um todo em si.
Trata-se de um único poema sobre o palmilhar de todos os seres
Sua luta pelo apenas existir
O manter-se vivo e dar continuidade a sua espécie
Em cada página traz uma mensagem
Um quadro da vida, um retrato do que vivemos.
Julguei que seria melhor não colocar títulos nos textos,
O que deixaria a liberdade do leitor refletir...
Também aconselho ao leitor fazer a leitura em seqüência
Pois assim terá um aproveitamento melhor das mensagens

O AUTOR

Plauto Araújo

O CAMINHO DO PEREGRINAR

Plauto Araújo

Biografia

Araújo, José Plauto nasceu no Ceará, Brasil em 1958, de um casal nobre. Viajou por vários estados brasileiros, onde fez vários cursos e exerce várias profissões: é pedagogo, coordenador de vigilância sanitária, fiscal ambiental, faz parte do CONDEMA, especialista em admirar a beleza natural feminina, poeta, escritor, professa a fé protestante, exerce o digno cargo de diácono, além de professor é um forte pregador, muito versado nos textos sagrados, amante alucinado da música psicodélica tem um respeito profundo pelas pessoas, mas gosta de apreciar o lado animal de cada um, enquanto saboreia toda beleza que lhe rodeia e isto é o que lhe faz um ente sempre alegre e satisfeito.

Começou sua vida literária ainda adolescente numa vida nômade e inconstante, partindo para o Rio de Janeiro para trabalhar em redes hoteleiras, onde conheceu muitos artistas famosos, entre eles Frank Sinatra, George Watter, etc. Mesmo que iniciara sua vida literária muito cedo, só no ano 2000 é que publicou algumas de suas obras, entre elas: Vozes Mélicas, Luta Interior e O Caminho do Peregrinar.

De sua lavra literária podemos citar 05 livros poéticos, 02 históricos, 01 romance e 03 doutrinários. Em sua trajetória literária foi obrigado por motivos de perseguições, a queimar muitas de suas poesias. O que lamenta pela irreparável perda.

A base de toda prosa e versos de Plauto Araújo apóia-se no profundo sentimento que tem pelos mistérios da vida... Cuja lógica ultrapassa a, da consciência habitual, desvendando o duplo de cada homem, na impressão do realismo dentro do irreal. Os cenários são repletos de pavor da morte. Onde mergulha no lado desconhecido das ansiedades da alma, o que faz de Plauto Araújo, um alucinado pelos mistérios da Imaginação Humana.

Frank Dalton